

OS PAPÉIS SOCIAIS NA FORMAÇÃO DO CENÁRIO SOCIAL E DA IDENTIDADE

THE SOCIAL ROLE IN THE FORMATION OF THE LANDSCAPE AND SOCIAL IDENTITY

Eduardo Simões Martins*

Resumo: Este artigo trata da questão dos papéis sociais na construção do cenário institucional, social e humano. Considera a padronização e o adestramento do ser humano, para a composição das relações sociais e dos status que se estabelecem de formas e com funções diversas pela sociedade que organiza e objetiva os mundos sociais e da pessoa humana enquanto individualidade.

Palavras-chave: Papéis Sociais. Socialização. Identidade. Religião. Educação. Status.

Abstract: This article addresses the issue of social roles in building the institutional setting, social and human. Does the Standardization and training of human beings, is the composition of social relations and settling the status of various forms and functions by the company that organizes and Objectives and social worlds of the human person the individuality

Keywords: Social roles. Socialization. Identity. Religion. Education. Status.

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva tratar a importância dos papéis sociais na formação da personalidade humana. A parcela de responsabilidade que estes têm em relação à alienação quando se leva em consideração a automatização do ser humano promovida pela religião, educação e instituições sociais¹ nos processos de interiorização ao ser humano de padrões no trabalho de manutenção do *status quo* e das estruturas sociais. A sociedade padroniza, legitima suas formas de modo que o homem se adapta e se condiciona as estruturas que são anteriores ao seu nascimento. O estabelecimento de papéis sociais no tempo e no espaço é pelo que tudo indica um condicionamento para que possa haver comunicação e interação social. As estruturas do pensamento, dos

* Mestrando em Ciências da Religião, História e Sociedade – Universidade Presbiteriana Mackenzie. eduardosimoesm@yahoo.com.br.

¹ Instituições são organizações ou mecanismos sociais que controlam o funcionamento da sociedade e, por conseguinte, dos indivíduos, mostram-se de interesse social, uma vez que refletem experiências quantitativas e qualitativas dos processos socioeconômicos. As instituições sociais são interdependentes, as mais cogitadas talvez sejam a instituição familiar, a educativa, a religiosa; a jurídica; a econômica e política.

sentimentos e comportamentos não são percebidas pela pessoa humana, anteriores e exteriores a partir do processo de inserção social a socialização. Assim, aparentemente esse processo se estabelece no sentido de não ser problematizado ou levado a uma análise, assim suas estruturas se constituem e se reconstituem sem questionamentos.

À medida que a secularização progride e paralelamente a resistência que visa a conservação e manutenção das crenças e dos valores, diante do ceticismo e de uma nova geração que não se submete a imposições, ao mesmo tempo se percebe um descompasso cultural e social no que concerne às sociedades cujos elementos não materiais da cultura não acompanham o ritmo dos valores materiais². Como decorrência deste descompasso as sociedades podem ser marcadas pela dominação do ser humano pelo ser humano, de povos sobre outros povos.

Pode-se considerar que no século XVIII houve um avanço para uma análise mais realista da sociedade que caminhou no que tange à reflexão de uma base religiosa para uma base filosófica e posteriormente científica. A contribuição de Giambattista Vico, com sua obra “A Nova Ciência” esclareceu que a sociedade era subordinada a leis definidas, que poderiam ser descobertas pelo estudo e pela observação objetiva, e que “o mundo social, era com toda certeza, obra do homem”. Este conceito foi um considerado como revolucionário para época (OLIVEIRA, apud VICO, p. 12).

Já no século XX, dentre outras formas de análise dos processos sociais a maneira como Peter Berger (2002, p. 16) analisa construção dialética da sociedade, leva em consideração o campo religioso, define tal processo através da interiorização, objetivação e exteriorização como ferramentas usadas pelas instituições na construção do ser humano e do cenário social. Berger traz uma contribuição para compreensão do mundo social e do mundo do indivíduo. As razões das estruturas sociais e das estruturas do ser humano são analisadas sob o foco religioso, dado o fato da mistificação e mitologização como estratégias relevantes usadas na socialização pelas instituições religiosas que conduzem o homem ao silenciamento e adaptação a condição social vigente.

Os processos pelos quais a humanização e a organização social são desenvolvidas aparentemente são desconhecidos da maioria. O dimensionamento do

² Elementos Materiais e não materiais de cultura ligam a cultura como um todo que pode ser desmembrado, observada a interdependência que existe entre estes elementos. Assim, a cultura pode ser dividida como material e cultura não- material. Os elementos materiais consistem em todos utensílios, ferramentas, instrumentos, máquinas, hábitos alimentares, tipos de habitação, enquanto os elementos não-materiais são as normas, a religião, costumes, ideologia, ciências, artes, folclores (OLIVEIRA, 2002, pp. 132-141).

mundo social que entra em conflito do mundo individual tem a sua intensidade talvez relacionada à eficácia do processo de socialização, assim a capacidade de reação do indivíduo é determinada por tal processo. O trabalho das instituições sociais para objetivar, legitimar e interiorizar padrões pode ser verificado como uma unidade na diversidade, onde o sagrado e a ideologia são caminhos estratégicos para o distanciamento da compreensão do homem no que concerne aos processos que constituem sua identidade que acaba por ser confundida e fragilizada.

A consciência necessita ser fortalecida no que concerne à sua dialética. O indivíduo carece ser despertado quanto aos status estabelecidos nos cenários institucionais e sociais. A resistência e a oposição no que concerne a tais estruturas são inerentes ao ser humano. No entanto, os status estabelecidos, padronizados através dos pensamentos, sentimentos e comportamentos, não são para ser discutidos e reorganizados a favor de uma melhor humanização. A reorganização aparenta, via de regra, manter o *status quo*, não se reorganiza favor do indivíduo nem do coletivo. Não há lugar para o estabelecimento do diálogo entre os mundos exterior e interior. Assim fica denotado que a programação do ser humano se determina como ação discriminatória e de dominação promovida para manter a conformação onde se verifica como estratégia importante a prática da interiorização dos dominantes aos dominados. Na visão de Freire a organização não justifica a massificação (FREIRE, pp. 168, 169, 202-206). Ainda que o reflexo da externalização do que foi internalizado se verifique como reflexão e dialeticidade do ser humano, o mesmo ocorre sem percepção, como que num automatismo.

Se uma compreensão maior dessa engenharia social for promovida, talvez se possa lidar melhor com os conflitos internos à pessoa humana, desenvolver um melhor trânsito de cidadania na sociedade e quem sabe praticar uma melhor educação. No que concerne ao espaço educacional encontrar um lugar para questionamentos com perspectiva de mudanças e desenvolvimento de uma consciência crítica e uma maior participação nessa engenharia. Assim uma concepção dialética de educação caminhará em oposição à concepção mecanicista, apolítica e totalitária de educação (GADOTTI, 1987, pp. 117-151). A construção da sociedade e das individualidades tem suas peculiaridades. Uma vez que a sociedade preexiste às individualidades e pós-existirá em relação à sua morte (BERGER, 2004, p. 15) os processos de sua construção e interiorização, assim como, suas implicações sobre a sociedade e sobre a constituição da personalidade humana determina sociedades de autômatos. Uma sociedade que se

permita a oposição e as contradições, afirmará sua natureza dialética, o homem feito pela sociedade e a sociedade feita pelo homem.

Mizukami (1986, p. 41) ao citar pensamento da Karl Rogers assevera que o ser humano reconstrói em si mesmo o mundo exterior de forma subjetiva. Por meio dos estímulos relativos às experiências a consciência interna autônoma é criada no indivíduo. Assim, o ser humano pode fazer suas opções próprias e significá-las. Para que essa consciência se preserve e cresça, o homem tem de saber que é o configurador do mundo e que na relação que estabelece com este mesmo mundo e com os demais homens se configura como homem e é capacitado e se expressar como pessoa.

CAPÍTULO I. OS PAPÉIS SOCIAIS E O CENÁRIO SOCIAL

Nas ciências sociais o papel social define a estrutura social, basicamente como um conjunto de normas, direitos, deveres e expectativas que condicionam o comportamento humano dos indivíduos junto ao grupo ou dentro de uma organização. Os papéis sociais atribuídos ou conquistados têm em vista a interação social e resultam do processo de socialização. Parece haver uma relação ao seu oposto, pois qualquer organização surge em oposição a uma possível desorganização.

Os papéis sociais conferem um status determinado que não é problematizado pelos que recebem tais classificações e atribuições. Os comportamentos se adaptam se conformam e se confundem. Estes mesmos papéis sociais têm relativo valor e significados atribuídos pela sociedade. O papel social é um dos resultados do processo de socialização primário e secundário que merece observação e análise como realidade determinante dos padrões da sociedade e dos indivíduos que dela fazem parte. Constituem a identidade coletiva e a identidade individual do ser humano.

O status que se atribui a pessoa humana, no que concerne ao prestígio e aos privilégios é de acordo com as posições atribuídas pela sociedade, tantos quantos a sociedade necessite para se constituir, uns atribuídos, outros adquiridos, de acordo com o contexto histórico, social, econômico e organizacional. No caso da sociedade moderna os status melhores são almejados e adquiridos (OLIVEIRA, 2002, pp. 85,86).

Saber que se vive num mundo artificial que se objetiva segundo o homem e para o homem, a serviço das estruturas sociais e que nesse processo corre o risco de se tornar apenas uma engrenagem é no mínimo um direito. A dialética aplicada à realidade

social e existencial pode levar ao questionamento e reflexão de que o cenário social se deve a processos artificiais, não à natureza. Se perder em meio aos papéis atribuídos ou adquiridos pode significar deixar de existir, existir enclausurado, morrer em prol de um coletivo que não se sabe, pode significar estar a serviço do direito de alguns e do status privilegiado de uma minoria. Os papéis estabelecidos pela organização das sociedades têm suas peculiaridades, dentre as quais uma identidade coletiva forjada, artificializada.

Os papéis sociais envolvem comportamentos, pensamentos e sentimentos que determinam a consciência coletiva dentro de um cenário social (COSTA, 1987, p.54). As relações sociais de uma sociedade qualquer implicam no processo de socialização primário e secundário. Esse processo se desenvolve durante toda trajetória de vida dos seres humanos. Ainda que seja ingenuidade pensar que tal padronização seja para o benefício comum, não se pode negar que depois do advento da civilização, a socialização apresenta uma tendência, via de regra hierarquizante. Entretanto, a indisposição humana em relação a tal padronização civilizatória (OLIVEIRA apud FREUD, 2002, pp. 19- 21) é verificável no que concerne à realidade à reação que com maior ou menor intensidade, seja coletiva ou individual se manifesta como inadaptação. Assim tanto o coletivo como o individual se movimenta motivados pela contradição que lhes é inerente antagonizando aos padronizamentos.

O que determina uma sociedade na sua estrutura se relaciona consideravelmente aos papéis que esta atribui a seus participantes, padronizados desde o momento em que nascem. Assim, uma sociedade pode desconhecer os papéis da outra. A legitimação dos papéis entre e dentro das culturas determina suas características, suas diferenças. Enfim, uma minoria parece se servir de uma grande maioria nas suas aspirações de felicidade.

Os papéis sociais são representações sociais, como se a sociedade fosse um grande teatro, onde a maioria dos personagens não consegue se voltar para dentro de si mesmos e fazer uma distinção entre quem são e os papéis que desempenham. Dentro do cenário montado pela sociedade hierarquizada se adaptam e justificam a discriminação social.

Um dos resultados mais importantes do processo de socialização é a definição dos papéis sociais. A existência de papéis razoavelmente fixos é fundamental para definir a sociedade como uma estrutura regular de interações previsíveis e premeditadas.

A estrutura social é uma disposição ordenada das partes dentro de um todo. De modo que as partes são relativamente variáveis ou de variabilidade em um espaço de tempo relativamente curto e o todo é relativamente invariável ou de variabilidade em um espaço de tempo relativamente longo. No cenário social empresa, o papel de funcionário é incorporado e conformado. No cenário social família, incorpora-se os papéis sociais marido, apesar de ainda não ser casado no civil e pai embora não tenha filhos naturais e sim enteados. Assim a sociedade se conforma e se configura em suas partes e em sua totalidade (ADMINISTRADORES, acessado 07/11/2008).

CAPÍTULO II. IMPLICAÇÕES DOS PAPEIS SOCIAIS SOBRE A PESSOA

Todo individuo ocupa uma posição na sociedade a que pertence, com maior ou menor prestígio, menores ou maiores ganhos, menor ou maior poder. Na realidade são muitos os papéis atribuídos a um só indivíduo ao longo da sua história de vida, com implicações relativas aos modelos de sociedade.

O personagem social é encarnado e encenado de acordo com o papel estabelecido pela sociedade. Os papéis sociais como partes desse todo que também se expressa por meio das instituições dão forma ao social e ao individual. Entretanto, as sociedades são projetadas não em favor do coletivo, mas em favor dos que recebem ou conquistam os melhores papéis dentro dessa estrutura em detrimento da maioria que sonha com papéis superiores no que concerne aos privilégios e valor (FREIRE, 2008, pp. 54,56) de modo que a servidão se torna uma posição voluntária (CHAUI, 2002 pp. 407- 411). No transito das mais diversas situações sociais os papéis estabelecidos socialmente são atribuídos aos membros do grupo de modo que tendam a confundi-los consigo mesmos, na composição de uma interrelação específica onde a maioria dos participantes é legada ao papel de coadjuvantes e a eles se adaptam.

Os papéis sociais são incorporados com tanta vontade aos mais diversos cenários que transitam de um cenário ao outro. No entanto, cada papel tem o seu lugar e o seu desempenho, embora haja aqueles que são estabelecidos como onipresentes e acompanham o individuo que os incorpora onde esteja. Assim, a individualidade permanece submersa nessas obrigações e com o passar do tempo seja através da socialização primária ou secundária, o comportamento interiorizado se torna tão

comum e mecânico que a individualidade se esquece na inconsciência dessas formas classificatórias a serviço de seus propósitos.

A subjetividade humana, isto é, esse mundo interno e suas impressões são construídos nessas relações sociais, ou seja, emanam do contato dos seres humanos com seres humanos e com a natureza. O homem como ser social, que se faz nas relações sociais, está em permanente movimento. Essa vocação redundando em transformação, apesar de aparentemente se manter igual (FREIRE, 2008, pp. 83-87), isso porque o mundo interno se alimenta dos conteúdos que vêm do mundo externo e, como a relação com esse mundo externo não cessa, a "digestão" dessas realidades na composição da identidade se torna sobremodo complexa.

O princípio da realidade segundo Freud (OLIVEIRA apud FREUD, 2002, p. 19-21) é limitante do princípio do prazer. Essa relação é denominada como repressão e demonstra como os seres humanos são conformados às civilizações e suas instituições. A realidade limitante está no social, no coletivo com suas normas e sanções, nas ações e reações dos da classe dominante sobre a classe dominada (FREIRE, 2008, p.67, 105). O princípio da realidade é uma das forças motrizes que irá estruturar todo desenvolvimento humano. A introjeção de tal princípio na visão freudiana vai determinar a estrutura posterior, ajudar o eu a se defender do mundo exterior. No entanto, a sensação que essa objeção causa ao mundo interno do homem quando sua liberdade restringida é a de mal-estar. O ser humano visto como um resultado da civilização, de seus mecanismos reguladores e padronizadores é uma contradição ao apelo interior pela liberdade restringida. Assim, a dialética entre civilização e individualidade se expressa em conflito, por outro lado é assim que a civilização se desenvolve, pelo impulso contra os princípios restritivos na direção da liberdade. (OLIVEIRA, 2004, pp. 20-21).

Não saber distinguir os papéis sociais como artificialidade atribuída pela sociedade aos que dela participam aparentemente determina e plausifica a desigualdade social. Os papéis sociais e as funções que os determinam serão cessados de acordo com o que determina o padrão do grupo social. Se por um lado se faz necessário a conscientização dos papéis que se desempenha, por outro lado, parece improvável viver em um mundo próprio sem que funções e papéis sejam planejados. O mundo em que o ser humano é inserido ao nascimento não lhe pertence.

Os tabus estão relacionados à importância do papel que se desempenha, inclusive aos estigmas e as punições. Saber que é possível haver uma separação entre o papel que se desempenha e quem se é parece não ser uma realidade tão simples, mas por outro

parece ser uma reflexão e ação concomitantes e relevantes. Saber que os papéis são representações, máscaras e que a sociedade os controla, pode fazer com que o ser humano deixe de ser passivo na construção de sua humanidade, e historicidade (GOMES, 2008, aula do dia 29/09).

Na visão de Berger (2004 p.15-21) há um princípio dialético na sociedade que consiste em três momentos: exteriorização, interiorização e objetivação. Existe um *fluir constante*, onde o homem se faz homem como um produto da sociedade e a sociedade como um produto do homem. O ser humano é interiorizante e desde o princípio participa do processo de se tornar homem com início na infância, na interação com seu ambiente exterior, mas seu mundo interior é imperfeito, aberto ao exterior, seu mundo não é pronto, ele precisará construí-lo, na cultura, através de seus símbolos. Na relação com os seus semelhantes sua estrutura individual e coletiva será processada, sendo que a sua natureza tem sempre a propriedade de reconstruir seu mundo, é assim que as línguas, os instrumentos, os valores, a concepção de instituições vão sendo estruturados, assim a sociedade é um resultado da cultura e condição necessária dela.

Os papéis sociais permitem compreender a situação social, pois são referências para percepção do outro, ao mesmo tempo em que são referências para o comportamento próprio. Se no encontro social os homens se apresentam como ocupantes da posição de professores ou autores de um livro, sabem como se comportar, porque aprendem no decorrer de nossa socialização o que está prescrito para os ocupantes dessas posições. Se alguém for convidado a proferir uma palestra numa escola, não irá vestido como se estivesse indo para o clube, assim ocorre com o mundo acadêmico e com todas as conformações de mundo. Todos os comportamentos que se manifestam nos encontros sociais são chamados, na psicologia social, de papel desempenhado. Tais comportamentos, por sua vez, podem ou não estar de acordo com a prescrição social, isto é, as normas prescritas socialmente para o desempenho de um determinado papel. Isso gera uma tensão existencial, porque são muitas as situações a ser desempenhadas além das que se transformam e pressionam a adaptação.

Aqui talvez valesse apenas ressaltar que, quando se aprende um papel social, se aprende também o papel complementar, isto é, quando o indivíduo aprende a se comportar como aluno, desde o início da vida escolar, também aprende o papel do outro com quem interage, ou seja; o papel de professor e de outros que ali seus papéis desempenham.

Em meio ao processo de relativização pelas mudanças sociais que ocorrem como no caso da mulher no Brasil que evoluiu do papel de trabalhadora e objeto sexual. Do papel de Maria, (dona de casa, criadora de filhos, humilde e submissa) a situação atual quando ocupa 51% da mão de obra ativa e 45% dos eleitores do Brasil é uma mudança considerável, embora demorada (SOUZA; BALDWIN; ROSA, 2000).

Os diferentes papéis sociais e a enorme plasticidade que os seres humanos desenvolvem permitem a adaptação às diferentes situações sociais e torna a pessoa capaz de se comportar diferentemente em cada um dos cenários propostos. Aprender os papéis sociais é, na realidade, aprender o conjunto de rituais que a sociedade cria e recria no que concerne à cultura.

CAPÍTULO III. OS PAPÉIS SOCIAIS DIANTE DA SECULARIZAÇÃO E DO PLURALISMO

Os papéis sociais estão atualmente em processo de relativização devido à secularização, a globalização e ao pluralismo. Como resultado deste fenômeno as instituições e organizações sociais talvez sejam encontradas em crise. Legitimar, objetivar e interiorizar padrões, não aparenta ser mais tão simples. A individualidade se apresenta e se desenvolve cada vez menos passiva, por ser mais informada se expressa mais reivindicante. Os papéis estão se invertendo ou desaparecendo, diante das mudanças sociais, assim tudo parece indicar que a adaptação a pluralidade e às transformações seja uma necessidade de sobrevivência, ao contrário do que ocorria nos processos históricos de organização social no que concerne à manutenção.

Agostos Nicodemos afirma (2008, p. 6) que o relativismo absoluto gera diversos problemas de natureza prática, como, por exemplo, a dificuldade de se viver o dia a dia de forma coerente com a crença de que tudo é relativo, assevera que mesmo os relativistas mais radicais são obrigados a capitular diante da inexorável realidade:

[...] a vida só pode ser organizada e levada à frente com base em princípios, valores e leis universais que sejam observadas e reconhecidas por todos, pois há uma interligação das partes que permite a regularização do todo. [...] num relativismo absoluto ninguém poderia viver em paz, já que todo indivíduo naturalmente busca de uma coerência, síntese e unidade de pensamento que trás sentido para a realidade, assim sabemos para onde e como caminhar.

Nicodemos assevera na sua visão teológica da sociedade que o ímpeto organizacional é decorrente da imagem de Deus no homem, um Deus de ordem, propósitos, coerência e completude, portanto algo a ser considerado como inerente ao homem. Finalmente observa e defende que ninguém pode permanecer sem posicionar-se, na neutralidade diante da vida e do conhecimento (NICODEMUS, 2008, p. 6).

Berger em sua obra “O Dossel Sagrado” afirma a secularização como uma realidade que anda de mãos dadas com o pluralismo e que tal secularização poderia ter sido promovida pelos próprios israelitas na história antiga da Bíblia, não fosse o advento do cristianismo. O secularismo por ele apresentado tem um lado positivo quando promove o deixar de crer. O movimento protestante também proveu promoveu a redução da relação do homem com o sagrado foi abolida grande parte da mediação sobrenatural. O protestantismo abriu caminho para a secularização e para a pluralidade na idade média, desmistificou muito do que se acreditava, derrubou a interdição do sagrado, os fatores reguladores da sociedade foram questionados (FILORAMO; PRANDI, 1999, pp. 91-113) e o enfraquecimento da força religiosa pelo estímulo a ceticismo. As verdades, até então absolutas foram questionadas pela individualidade, promovida uma revolução e uma evolução na socioestrutura da época, que até então se encontrava conformada aos padrões assimilados providos pela igreja.

Berger afirma (2004, pp. 123- 134) a interrelação entre da religião e a sociedade que se configura na produção da desigualdade, que a secularização ajuda a diminuir as desigualdades, pois a religião perde seu poder tradicional. Os efeitos do pluralismo não se limitam aos aspectos socioestuturais da religião, afetam também o conteúdo das religiões.

As organizações religiosas a partir do final do século XX se tornaram agências religiosas de mercado, pelo que aparenta devido à harmonização e conformação a economia de mercado o que não deve ser encarado como atípico, pois a religião se reflete no social e o social no religioso. Assim, o que se percebe é a dinâmica da preferência e das influências temporais na organização de valores, de acordo com os ditames da sociedade da época. A massa trabalhada através de atividades relativas ao momento, na busca pela lealdade a um produto de acordo com as camadas sociais age a serviço das classes dominantes de forma autômata como em outras épocas em que as estruturas sociais, econômicas e políticas se legitimaram em prol de suas próprias organizações e posições sociais pela instrumentalidade da mesma massa obreira (BERGER, 2004. pp. 156- 157).

O secularismo e o pluralismo se apresentam como fenômenos sociais afins, que nenhuma estrutura pode resistir, ou se adapta ou morre, ou se repensa ou caminha paralelamente sem relevância. O curioso é que concomitantemente ao deixar de crer que ocorre com a secularização e as possibilidades diversas de conhecimento e consumo o homem é levado a construir outras estruturas, porque a dialética humana implica em interiorização e exteriorização como uma constante inerente ao homem como um ser inacabado (FREIRE, 2008, pp.83-87). Parece que o limite não é tão previsível assim, ainda que se retome às mesmas estruturas travestidas de outras roupagens. O relativismo absoluto seja em qual condição for não parece ser possível, mas a relativização de certas estruturas dando lugar a outras indica ser uma questão de tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo se percebe os grupos sociais, por mais primitivos que sejam necessitaram estabelecer um cenário no qual todos terão papéis sociais estabelecidos a ser desempenhados para que possa haver organização e a definição de posições. Uma estrutura social na qual as pessoas se comuniquem e possam interagir, tenham preservados os direitos, deveres e as formas preferidas, caminhos através da construção de um cenário social definido segundo seus propósitos. No entanto é para se refletir que essas estruturas de identidade social sempre parecem estar em contradição com a humanização consciente que constrói seu próprio destino, pois promove a conformação e consciência coletiva que adestrada e praticamente anula a consciência individual.

O papel social via de regra é estabelecido na direção de que hajam dominantes e dominados no curso da história, embora se afirme a organização. Obviamente não se pode fugir dessas estruturas porque elas se agigantam para além dos indivíduos e são anteriores a estes. Assim, como conviver com tal realidade uma vez que percebida? A maioria continua aquém do *senso comum* no que concerne aos papéis sociais que os precederam e para os quais foram adestrados e os desempenham confundindo-os com quem são.

Distinguir os papéis sociais no cenário social e se distinguir neste mesmo cenário implica em reflexão e não conformação ao automatismo. Identificar os papéis como relativos a uma cultura leva a compreender a sociedade como um produto do indivíduo e o indivíduo como um produto da sociedade. A religião ou qualquer outra

instituição caminha nesta mesma vertente, como ferramenta de padronização que a sociedade utiliza para pressionar o ser humano a se conformar e obedecer.

A crença é vitimada pelo tempo, à medida que o tempo passa não se crê mais como se cria, mas os que são dominantes em termos de classificação social continuam fazendo uso da crença, da mistificação com o objetivo de manutenção de suas posições sociais, a organização mantém e privilegia o status privilegiado de alguns.

Uma sociedade como a do Brasil, por exemplo, onde a maioria das pessoas ainda observa crenças destituídas de uma ação crítica obter uma sociedade mais saudável parece um objetivo difícil de ser alcançado. O processo de secularização alcançou uma minoria, enquanto uma grande maioria ainda dominada pelas idéias de uma sociedade implicada pelo sagrado, silenciada e determinista sob a influência das mais diversas crenças e superstições, mantida na docilidade.

Cotrim ao citar Platão assevera que o mesmo pensava que sem dialética a compreensão não passaria da superfície, que não se pode ultrapassar mundo das sombras e das impressões. Alcançar o mundo das essências implica num processo dialético, permitir as contradições, já que a oposição parece permear toda a realidade (COTRIN, 1989, pp. 125- 128). Quem sabe se devesse despertar a consciência dialética que permeia tudo que veio a ser, está sendo e virá a ser em cada ser humano. A vocação para contradição indica ser uma razão significativa das mudanças ao longo da história da humanidade. Os questionamentos são uma necessidade intrínseca ao ser humano. A ausência de problematização leva a adaptação e desumanização. Os papéis sociais e seus pressupostos desempenhos se fazem a través do adestramento. Nas palavras de Paulo Freire (FREIRE, 2008, p. 46, 55), a desmitologização, a desmistificação e a problematização das crenças pode promover o a aceleração da conscientização de modo que o homem se saiba e se historifique.

Não passar o *sensu comum*, enquanto alguns poucos têm a oportunidade de ir além desses limites chegando a um conhecimento mais adequado dos processos de configuração social e humana é no mínimo questionável. Entretanto ultrapassar o “*sensu comum*”, no que tange à construção da sociedade e do ser humano enquanto pessoa e individualidade é uma luta, uma questão, quem sabe, a ser encarada em prol do direito de saber relativo a todos.

Referências

- BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado*, São Paulo, Editora. Paulus, 5ª. Edição, 2004.
<<http://www.administradores.com.br/artigos.sociologia_na_administração_definisndo_os_papéis_sociais/20249/>> Acesso em 07/11/2008.
- COSTA, Maria Cristina Castilho. *Sociologia: introdução à Ciência da Sociedade*. São Paulo: Editora Moderna LTDA, 1987.
- COTRIN, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia- para uma Geração Consciente*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1989.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*, São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Londres: Hogarth, 1955.
- FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.
- GONSALVES, Luiz Roberto Mendes, *Tradução de texto publicado na “Les Inrockuptibles”*, Folha de São Paulo, 2008.
- LOPES, Augustus Nicodemus, *Verdade e Pluralidade – Carta de Princípios*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008
- OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Ática, 2002.
- SOUZA, Eros De; BALDWIN John R; ROSA Francisco Heitor Da. A Construção Social dos Papéis Sexuais Femininos. *Psicol. Reflex. Crit*, vol. 13, n. 3, Porto Alegre, 2000.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: Pedagógica e Universitária LTDA.

Artigo recebido em: 18/08/10
Aceito em: 24/11/10